

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS
CAMPUS MUZAMBINHO**

Licenciatura em Educação Física

**KARLA CRISTINA RAMOS
RALF DE PAULA SIQUEIRA**

**O OLHAR DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA E DE
SEUS FAMILIARES SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR**

**MUZAMBINHO
2012**

**KARLA CRISTINA RAMOS
RALF DE PAULA SIQUEIRA**

**O OLHAR DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA E DE
SEUS FAMILIARES SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Muzambinho, como requisito parcial para obtenção do grau de graduação de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Professora Ieda Mayumi Sabino Kawashita.

**MUZAMBINHO
2012**

COMISSÃO EXAMINADORA

Esp. Ieda Mayumi Sabino Kawashita

Ms. Januária Andréa Souza Rezende

Dr. Wellington Carvalho

Muzambinho, 1 de Agosto de 2012.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter nos dado forças para seguir em frente perante as mais diversas situações.

À nossa família, pelo apoio, amor, compreensão, ajuda, e que sem eles a caminhada seria muito mais árdua.

À professora Ieda Mayumi Sabino Kawashita, pela atenção e orientação imprescindíveis para a realização deste trabalho.

Aos demais professores do Curso de Educação Física, cada qual na sua área, mas que também foram de extrema importância para a realização deste trabalho.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho, por ter nos proporcionado inúmeros benefícios tais como: Auxílio Estudantil; Ajuda de Custo para Publicação de Trabalhos; Participação em Congressos Científicos; Visitas Técnicas e Cursos oferecidos gratuitamente, auxiliando-nos para uma boa conclusão e formação profissional através deste curso de graduação.

A Secretaria de Educação de Poços de Caldas – MG, que também nos ajudou financeiramente oferecendo o Auxílio Transporte.

Às Instituições ADEFIP e ARCD, por ter nos proporcionado à realização deste trabalho, ajudando-nos no que fosse preciso.

A todas outras pessoas que nos ajudaram direta ou indiretamente nesta longa jornada estudantil, nos permitindo crescer, compreender e a mudar a nossa realidade e a da sociedade.

*Na escola, aprendi
Sei ler, claro.
Somo e subtraio os números.
Multiplico.
Identifico a hora,
O calendário.
Desenho bem a letra
Quando escrevo.
No recreio, jogo,
Perco e ganho.
Canto com os demais,
Não desafino.
Só quero que saibas
Que não foi fácil
Conseguir que seja diferente
Meu destino.
Abrir a pesada porta
Da escola,
E ser mais um menino
Entre os meninos.
Tudo é muito difícil para mim.
Sempre avanço.
Para trabalhar duro nasci.
Estou acostumado ao esforço.
Perco e ganho.
Ganho e perco.
Amadureço como fruta
Em cada desafio.
Na escola aprendi.
Fui ensinado
Que não é diferente
O que busca a mesma coisa.*

(PESCADOR ,1997 apud FÁVERO, 2004, p. 51-52)

RAMOS, Karla Cristina; SIQUEIRA, Ralf de Paula. **O olhar dos alunos com deficiência física e de seus familiares sobre a educação física escolar**. 2012. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Superior em Educação Física – Licenciatura) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Muzambinho, Muzambinho, 2012.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo identificar se há inclusão dos alunos com deficiência física nas aulas de Educação Física nas escolas regulares. A metodologia utilizada para determinada pesquisa se insere no enfoque da pesquisa quantitativa e qualitativa, sendo a primeira de caráter alternativo e a segunda apenas um breve comentário relacionado às questões. A população constituiu-se de 26 alunos com deficiência, matriculados em uma das Instituições ADEFIP ou ARCD e que frequentam o ensino regular, e de 26 pais e/ou responsáveis desses alunos. Foram desenvolvidos dois questionários avaliativos, sendo um para os alunos com deficiência, e outro para seus pais e/ou responsáveis. O principal resultado aponta que há inclusão dos alunos com deficiência física nas aulas de Educação Física Escolar. Contudo, sugere-se outros estudos para averiguar se esta inclusão é efetiva.

Palavras-chave: deficiência física; escola; educação física adaptada.

ABSTRACT

The present study aimed to identify if there is inclusion of students with disabilities in physical education classes in regular schools. The methodology used for certain research fits into the focus of quantitative and qualitative research, the first and second alternate character just a brief comment related issues. The population consisted of 26 students with disabilities enrolled in an institution ADEFIP or ARCD and who attend regular school, and 26 parents and / or guardians of these students. We developed two assessment questionnaires, one for students with disabilities, and another for their parents and / or guardians. The main result shows that there is inclusion of students with disabilities in Physical Education classes. However, we suggest further studies to determine whether this inclusion is effective.

Keywords: disability; school; adapted physical education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Problema	9
1.2 Justificativa	9
1.3 Objetivos	10
1.3.1 Objetivo Geral	10
1.3.2 Objetivos Específicos	10
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	11
2.1 Inclusão Social	11
2.2 Inclusão Escolar	12
2.3 Motivação e Inclusão Escolar.....	14
2.4 Deficiência Física e a Educação Física	15
2.5 Inclusão nas Aulas de Educação Física	17
2.6 ARCD e ADEFIP	18
2.6.1 ARCD	18
2.6.2 ADEFIP	19
3 METODOLOGIA	21
3.1 Tipo de Estudo	21
3.2 Amostra	21
3.2.1 Critérios de Inclusão.....	21
3.2.2 Critérios de Exclusão.....	22
3.3 Materiais e Métodos	22
3.3.1 Materiais	22
3.3.2 Métodos.....	22
3.4 Procedimentos	22
3.5 Análise Estatística	23
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICES.....	45
ANEXOS	49

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (1996), deve haver inclusão da pessoa com deficiência em todas as etapas do ensino regular. Portanto, especificamente na disciplina de Educação Física, por se trabalhar o movimento corporal, as pessoas que possuem alguma limitação poderão não conseguir realizar determinadas atividades. Cabe ao professor então, adaptar suas aulas para que possa haver uma participação ativa de todos os alunos.

Para que o processo ensino-aprendizagem possa ser construído, é de extrema importância o profissional refletir sobre a aceitação do diferente/deficiente e que este não quer dizer que seja melhor ou pior e sim simplesmente o é (AMARAL, 1994 apud RECHINELI, 2008).

Mas afinal, o que é deficiência?

Omote (1996) vem nos dizer que existem vários tipos de deficiência. Porém, para conceituá-la de um modo geral, temos que levar em consideração a natureza anatomofisiológica (ex. lesões), somato-psicológica (ex. manifestações psicológicas) ou a psicossocial (ex. auto-conceito). Deficiência então é a ausência ou a disfunção de uma dessas estruturas no sistema biológico do ser humano.

A Comissão Interamericana de Direitos Humanos (1998) reforça ainda que, o termo deficiência é usado para designar uma pessoa que possui qualquer tipo de restrição para realizar determinada atividade diária, seja ela física, mental ou sensorial, podendo ser transitória ou permanente, adquirida ou nata.

Já a deficiência múltipla, é uma combinação de diferentes deficiências afetando duas ou mais áreas no indivíduo, se tornando assim uma situação ainda mais grave, entretanto, as pessoas com este tipo de deficiência é menor (DEFICIÊNCIA ONLINE, 2011).

E qual seria o termo mais adequado para se relacionar à pessoa com deficiência?

Fávero (2004) nos mostra que na Constituição Federal, utilizavam-se termos negativos como surdo-mudo, retardado, aleijado, dentre outros. Então decidiram padronizar um termo que se referia à pessoa e não à deficiência. Este tratamento ficou então como “pessoa portadora de deficiência”. Conforme, os estudos foram evoluindo, chegaram à conclusão de que o melhor seria pessoa com deficiência,

(apesar deste termo não ter sido mudado na Constituição) devido à palavra “portador” se referir a algo que a pessoa “porta, carrega contigo”, podendo se confundir a uma doença, e deficiência não é doença.

Portanto, o objetivo do presente estudo foi identificar se no ensino regular há inclusão nas aulas de Educação Física dos alunos com deficiência, a partir do olhar destes alunos e de seus familiares.

1.1 Problema

Qual o olhar dos alunos com deficiência física, atendidos por uma das instituições ADEFIP ou ARCD que frequentam o Ensino Regular, e de seus familiares sobre a Educação Física Escolar?

1.2 Justificativa

Existem na literatura, diversos estudos realizados recentemente sobre a inclusão de pessoas com deficiência no Ensino Regular, tais como: Os Sentidos da Inclusão Escolar: A Visão das Professoras do Ensino Regular (ARAÚJO, 2010); A inclusão escolar do ponto de vista dos professores: o processo de constituição de um discurso (ANJOS; ANDRADE; PEREIRA, 2009); Educação Inclusiva: Concepções de Professores e Diretores (SANT’ANA, 2005).

Entretanto, poucos estudos se destinam sobre os alunos com deficiência quando se diz a respeito de como se sentem ou qual a perspectiva destes alunos e de seus familiares em relação à inclusão efetiva na escola e especificamente neste estudo, na Educação Física Escolar.

Portanto, este trabalho se destina aos profissionais da área de Educação Física Escolar que trabalham com alunos com algum tipo de deficiência, ou a pessoas interessadas, visando mostrar aos professores, aos diretores e às Secretarias de Educação, o olhar que esses alunos e seus familiares têm sobre a disciplina de Educação Física, e para que eles possam também refletir se nas aulas há realmente uma inclusão de todos os alunos e se esta está igualmente sendo trabalhada nas diversidades existentes na escola.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Identificar se há inclusão dos alunos com deficiência física nas aulas de Educação Física nas escolas regulares.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Identificar se há motivação dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física Escolar.
- Verificar como é a postura dos professores de Educação Física Escolar em relação aos alunos com deficiência na visão desses próprios alunos.
- Analisar se as famílias dos alunos com deficiência sabem como são ministradas as aulas de Educação Física Escolar e de sua importância para estes.
- Averiguar se para estas famílias, as aulas de Educação Física Escolar podem ajudar na inclusão social de seus filhos.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Inclusão Social

Atualmente muito se fala no processo de inclusão de pessoas na sociedade em que esta julga serem “diferentes” seja na raça; religião; opção sexual; por possuir algum tipo de limitação, dentre outros.

Segundo Sasaki (2010), a inclusão é a modificação da sociedade para que todas as pessoas possam conviver normalmente e usufruir dos seus direitos e deveres como qualquer outro cidadão, seja nos ambientes físicos e/ou na mentalidade de todas as pessoas. Esta inclusão vem acontecendo em todo o mundo, mais efetivamente nos países desenvolvidos a partir da década de 80, devido aos diversos estudos surgidos sobre esta área neste período (CIDADE; FREITAS, 1997).

Ao falar em inclusão social, enfocamos que é tudo aquilo que está fora dos “padrões de normalidade” (física, fisiológica, comportamental e social), que necessita ser aceito e compreendido pelas pessoas ditas “normais” e para que haja uma condição de igualdade e humanidade (DUARTE; LIMA, 2003).

Desde que nasce a criança deverá ser envolvida no universo social, participar de diferentes situações para compreender e aprender integrando-se e interagindo com o meio em que está inserida. Toda criança necessita das mesmas oportunidades e experiências para que ocorra o seu desenvolvimento (GODOI et al. 2007, p.922).

Concluem os autores, para que ela possa se sentir produtiva no ambiente social, familiar e escolar, deve-se respeitar o tempo, o ritmo e as características de cada pessoa com deficiência.

Fávero (2004) enfatiza ainda que, a inclusão exige não somente em relação à sociedade oferecer condições necessárias para todos, mas também tão importante quanto ela, o Poder Público.

Quando mencionados INCLUSÃO, deixamos de lado a EXCLUSÃO, pois não existem grupos distintos e sim uma única comunidade.

2.2 Inclusão Escolar

A escola é o ponto de encontro de grandes diversidades sociais, culturais, econômicas, nas quais todos os alunos devem aprender a conviver respeitando essas diferenças existentes no âmbito escolar. Cabem as escolas e aos Poderes Públicos modularem este espaço para receber a todos de forma igualitária e responsável independentemente das condições exigidas por cada aluno.

Quando nos referimos à inclusão, temos que relacioná-la ao sistema estrutural escolar que já está montado, é pouco flexível e que não está adequado aos alunos deficientes, e quando este tem que se adequar a outros ritmos, gera um desequilíbrio no sistema de ensino. Portanto, “educação inclusiva é aquela que propõe uma escola de qualidade para todos, incondicional e não adjetivada, aberta à diversidade humana” (GODOI et al., 2007, p.908).

Para os autores, cada ser humano possui um tempo para aprender e o ensino deve atender a todas as diversidades, então, cabe ao setor pedagógico de cada escola, refletir sobre as intervenções pedagógicas do ensinar e do aprender, para que todos possam atingir novos conhecimentos.

Enfatiza Trindade e Ferrada (2007), este setor pedagógico, deve oferecer cursos específicos e de formação para os professores da rede municipal, estadual ou particular, para trabalharem com alunos com deficiência nos mais diversos ciclos escolares, como nas Creches, na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e Médio, estudantes, coordenadores, diretores, supervisores, ou seja, a todos aqueles que estão direta ou indiretamente relacionados com a escola e que buscam um mesmo objetivo: promover o aprendizado para as crianças com deficiência.

Existem documentos que defendem e asseguram o direito à educação para todos, independentemente das condições físicas, intelectuais, emocionais ou sociais, tais como: a Lei de Diretrizes e Bases (1996); as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001); o Plano Decenal de Educação para todos (MENEZES; SANTOS, 1993), e a Constituição Federal, (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 1988).

Entretanto, nenhuma lei determina que deva haver algum tipo de contato ou aproximação em relação às pessoas com deficiência (ARTIOLI, 2006).

Para que possa ser quebrado este paradigma desde os primeiros anos escolares, Gorgatti e Costa (2008) apud Lenz; Mayer; Burgos (2010) comentam que,

Se a escola reconhecer que as crianças e adolescentes são seres sociais e construtivos, considerando valores e experiências que cada um carrega como bagagem de vida, valorizando as relações criança/adulto e adulto/adolescente, com respeito mútuo, confiança, promovendo autonomia, criticidade, criatividade, responsabilidades e cooperação, o processo de inclusão social será algo natural, pois não haverá rótulos que diferenciem os alunos por suas deficiências e capacidades.

Apesar das pessoas com deficiência terem acesso ao ensino regular, uma questão que está sendo muito discutida por autoridades e a sociedade em geral, é se realmente as escolas estão preparadas para receber estas pessoas seja na preparação dos professores e/ou do espaço físico.

Cidade e Freitas (1997), dizem respeito às escolas, professores e aos próprios alunos, que na realidade nem todos estão preparados para receber o aluno com deficiência, as escolas devido à falta de estruturas, os professores muitos se sentem despreparados e incapacitados para realizarem um bom trabalho e os alunos não sabem como conviver ou aceitar o colega com deficiência.

Apesar destes confrontos, cresceu significativamente o número de pessoas com deficiência nas escolas regulares a partir de 1998. A mídia, a imprensa e os Poderes Públicos a todo momento, passam informações aos pais, para que eles possam procurar essas escolas devido aos direitos garantidos por lei. Muitas dessas crianças com deficiência, após já incluídas nas escolas, continuam sendo atendidas com serviços de apoio pedagógico aumentando assim a inclusão (TRINDADE; FERRADA, 2007).

Para Silveira e Neves (2006), ainda existem dúvidas e incertezas não somente dos profissionais da educação, mas também das famílias dessas crianças sobre os benefícios e possibilidades para uma inclusão efetiva.

Gregoul (2011, p.8), professora universitária e especialista em atividade adaptada nos confirma isso quando menciona: [...] “Sempre ouvia das mães uma preocupação constante sobre as dificuldades encontradas na inclusão real de seus filhos com deficiência na rede regular”.

Cruz, Vechiatto e Aspilicueta (2004), fazem uma reflexão de que estes debates são de extrema importância para que possa haver ações capazes de contribuir com o aprimoramento dos profissionais e das estruturas para uma melhor inclusão dessa parcela da população.

2.3 Motivação e Inclusão Escolar

O estudo dos motivos significa o exame das razões pelas quais se escolhe fazer algo ou executar algumas tarefas com maior empenho que outras; ou ainda persistir numa atividade por longo período de tempo (GOUVÊA, 1997 apud HIROTA; TRAGUETA, 2007).

Para Cabral (2011) da Equipe Brasil Escola:

A motivação é uma força interior que se modifica a cada momento durante toda a vida, onde direciona e intensifica os objetivos de um indivíduo. Dessa forma, quando dizemos que a motivação é algo interior, ou seja, que está dentro de cada pessoa de forma particular erramos em dizer que alguém nos motiva ou desmotiva, pois ninguém é capaz de fazê-lo. Existem pessoas que pregam a auto-motivação, mas tal termo é erroneamente empregado, já que a motivação é uma força intrínseca, ou seja, interior e o emprego desse prefixo deve ser descartado.

Já para outros autores, existem dois tipos de motivação: a intrínseca e a extrínseca. A primeira nos diz respeito a fatores internos que às vezes, devido a certas situações externas, torna-se mais difícil o seu cumprimento, que são as determinações, vontades, desejos. Já a motivação extrínseca, é aquela que o meio externo nos impõe, como um elogio ou uma crítica, um reconhecimento social, uma premiação, que interferem diretamente nas condutas de cada ser humano, dependendo do que cada um é, ou busca na vida (SAMULSKI, 1992 apud GARCEZ; SAITO, 2007).

O comportamento motivacional implica esse reconhecimento, o de que ele representa a fonte mais importante de autonomia pessoal à medida que as pessoas podem de certa forma, escolher que tipo de ação empreender com base nas suas “próprias fontes internas” de necessidades e não simplesmente responder aos controles impostos pelo meio externo (HERNANDEZ; VOSER; LYKAWKA, 2004).

Contudo, para Neves (2009), deve-se motivar uma pessoa de “dentro” para “fora”, oferecendo-lhes subsídios para que ela tenha a sensação de pertencimento, de ser importante no todo. Estimulando-a, por exemplo, se ela fizer algo bom, ou teve algum comportamento adequado, ou até mesmo se ela superou seus limites, deve-se oferecer-lhe algo interessante, para que ela possa até mesmo continuar motivada a realizar novas tarefas. Portanto, algumas pessoas acabam realizando algo mediante a recompensa, então enfatiza a autora, que o mais correto é motivar o ser humano de forma intrínseca.

Um dos principais fatores que interferem no comportamento de uma pessoa é, indubitavelmente, a motivação, que influi, com muita propriedade, em todos os tipos de comportamentos, permitindo um maior envolvimento ou uma simples participação em atividades que se relacionem com aprendizagem, desempenho, atenção (RODRIGUES, 1991 apud PAIM, 2001).

Segundo Vinha (2009), o professor pode fazer pouco se ele mesmo não se encontra motivado, ou acreditando naquilo que está ensinando aos alunos.

Então, antes que ele queira passar um “motivo” aos alunos para que se sintam motivados a realizarem determinadas tarefas, eles próprios devem cuidar do que estão expressando de forma com que possa ser um “espelho” aos seus alunos.

Tendo em vista que a prática esportiva através do lúdico pode proporcionar inúmeros benefícios à pessoa com deficiência, dentre eles, independência para realizar tarefas no cotidiano, melhora na aptidão física, autoestima e autoconfiança, também a partir desses fatores pode-se motivá-la, visando todos esses benefícios (CARDOSO; PALMA; ZANELLA, 2010).

Vários professores têm recorrido a diversos materiais, espaços físicos e recompensas externas como forma de motivarem seus alunos a terem uma participação mais ativa durante suas aulas, porém, o motivo citado anteriormente, que é a motivação do próprio professor, é a parte mais importante do processo ensino-aprendizagem (SANTOS; QUEIROZ; FILHO, 2008).

Portanto, nos cabe uma reflexão: Se cada ser humano possui o seu “motivo” seja ele um fator intrínseco ou extrínseco para querer realizar determinada tarefa, como nós professores, não somente de Educação Física, mas também de todas as disciplinas escolares, podemos lidar com as motivações de pessoas com deficiência, tendo em vista que muitas vezes elas sofrem preconceito e discriminação? Será que nós, professores, somos ou estamos motivados o suficiente para reverter este quadro, tendo em vista que antes de tudo são seres humanos e que possuem qualidades e defeitos tanto quanto qualquer outra pessoa dita “normal”?

2.4 Deficiência Física e a Educação Física

A Educação Física é uma disciplina curricular que foi historicamente construída e que visa promover a expressão corporal dos alunos através das mais variadas formas de linguagem social (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Antigamente, os alunos com deficiência eram dispensados das aulas de Educação Física. Eles eram considerados um peso na sociedade por possuírem uma condição física que os impediam de desenvolverem determinadas atividades (GARCEZ; SAITO, 2007).

Hoje em dia este quadro se reverteu, devido à educação ser um direito de todos (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1996).

Mendonça e Pardini (2007, p. 934) mencionam em seus estudos, para que uma pessoa seja deficiente, de acordo com o artigo 4 do Decreto nº 3298, de 20 de dezembro de 1999, ela deve se enquadrar em um dos seguintes casos:

Deficiência física: alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, triplegia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência do membro, paralisia cerebral, membros com deformidade estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções.

Ou se enquadrar em outros tipos de deficiência, como a auditiva, visual, mental ou múltipla.

É um desafio aos professores da área, propor atividades físicas as pessoas que possuem limitações motoras. Torna-se um crescimento profissional e também pessoal, por sempre terem que repensar e inovar suas práticas pedagógicas tendo em vista que não somente na Educação Física, mas também na Educação de um modo geral, leva em conta um desenvolvimento normal de seus alunos, e muitas vezes não é bem assim que acontece (GODOI, et al., 2007).

Para se concretizar os objetivos da Educação Física e das leis que dizem respeito à inclusão escolar, deve-se incluir na grade curricular da graduação, uma disciplina que aborde o tema e não apenas capacitar quem já está formado. Ou muitas vezes, existem disciplinas que não preparam o profissional suficientemente para trabalhar com esta população. “Acredito que os cursos de Educação Física não devem formar profissionais para trabalhar com alunos com ou sem deficiência, mas sim para trabalhar com a diversidade [...]” (GREGUOL, 2011, p.7).

Estes profissionais, devem também ter um conhecimento adequado em relação ao funcionamento do corpo humano nas suas dimensões seja o biológico (físicos, sensoriais e neurológicos), cognitivo, motor, interação social e afetivo –

emocional. Para saber adequar sua pedagogia de ensino de acordo com as características pessoais de seus alunos (LOPES; VALDÉS, 2003).

De acordo com Tani (1991), na Educação Física, deve-se trabalhar os diferentes tipos de aprendizagem (do movimento, através do movimento e sobre o movimento) que estão relacionadas ao movimento humano. Contudo, para a pessoa com deficiência física, estes podem se tornar complexos. Então, Soares (1996), nos mostra que na escola não é lugar de se desenvolver a “performance”.

Portanto, cabe ao professor ter criatividade, responsabilidade social e iniciativa para realizar um bom trabalho de modo com que o aluno com deficiência, não veja a disciplina como um “terror” ou uma área em que ele queira “fugir” para não participar, mas uma oportunidade onde ele possa vivenciar a sua cultura corporal de movimento de maneira satisfatória e conseqüentemente desenvolver seu aspecto sócio-psico-motor.

2.5 Inclusão nas Aulas de Educação Física

Sempre ouvimos falar em inclusão nas aulas de Educação Física, que todos devem participar de forma que consiga obter os benefícios que a prática da atividade física promove, e também nas leis e garantias de uma inclusão escolar garantida e responsável.

Visto que, diversos estudos têm mostrado que a atividade física promove no ser humano benefícios, não só fisiológicos e funcionais, mas também uma melhora do comportamento psicossocial, “não há qualidade de vida sem convívio social [...]”. A atividade física proporciona maiores oportunidades favorecendo, assim, a realização de metas” (GARCEZ; SAITO, 2007, p. 904).

Além disso, Tani (1998) apud Godoi (2007) salienta a importância dos movimentos em um contexto global para o ser humano, que através deste, há uma interação/integração dele próprio e com o meio em que vive, e que esta troca, é essencial para o desenvolvimento e a sobrevivência.

Sabendo de tal importância, surgiu então nos cursos de graduação através da resolução 3/87 do Conselho Federal de Educação, a Educação Física Adaptada, enfatizando que o professor de Educação Física deve atuar com a pessoa com deficiência e de outras necessidades especiais (CIDADE; FREITAS, 1997).

Porém, podemos detectar de acordo com Lopes e Valdés (2003), que apesar da Educação Física Adaptada ter dado um grande salto positivo em relação à qualificação profissional nas últimas décadas, ainda nos resta muita caminhada quanto à formação de professores que trabalham com a Educação Especial.

Sendo assim, o principal objetivo da Educação Física Adaptada é o desenvolvimento da cultura corporal de movimento, através das mais diversas atividades para pessoas que possuem peculiaridades e condições para a prática da atividade física (MELO; FREITAS, 2009).

Portanto, cada professor deve identificar essas necessidades peculiares de todos seus alunos, estando atento ao processo de ensino-aprendizagem e favorecendo a participação ativa de todos (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2006).

Para que uma proposta de ensino inclusivo seja realmente significativa, o professor deve estimular seus alunos nas mais variadas dimensões, apoiando, valorizando e reconhecendo o valor de cada estudante (DARIDO, 2004 apud RECHINELI; PORTO; MOREIRA, 2008).

Lopes e Valdés (2003) analisaram ainda em seus estudos a necessidade de se capacitar os profissionais da área de Educação Física e a relevância que este terá diante de uma recepção escolar de um aluno com deficiência, pois este apesar de suas diferenças deverá receber os mesmos tratamentos de um aluno dito “normal”.

Diante de tais colocações citadas acima, podemos verificar a importância de um professor bem qualificado, pois este saberá lidar e refletir sobre o que realmente deve fazer em seu papel de educador, e como lidar igualmente com seus alunos apesar da diversidade existente na escola.

2.6 ARCD e ADEFIP

2.6.1 ARCD

A Associação de Reabilitação da Criança Deficiente (ARCD) é uma entidade social sem fins lucrativos, atualmente está filiada à Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD), localizada no município de Poços de Caldas.

A ARCD (atual AACD) tem como principal objetivo promover a qualidade de vida das pessoas com deficiência através da reabilitação, e também através de informações e orientações aos seus familiares, para que este processo clínico continue no dia-a-dia destas pessoas tornando-as mais independente para seus afazeres diários.

A Associação atende crianças da cidade e região com as seguintes patologias: Paralisia Cerebral, Mielomeningocele, Doenças Neuromusculares, Lesão Medular, Lesão Encefálica Adquirida, Más Formações Congênitas, Adultos com seqüelas de Poliomielite e Amputados. Com uma equipe técnica de profissionais qualificados e treinados em reabilitação pela instituição AACD. São os Ortopedistas, Pediatras, Urologistas, Neurologistas, Fisioterapeutas, Fonoaudiólogos, Terapeuta Ocupacional, Psicólogos, Pedagogos, Serviço Social, Enfermeiros e Musicoterapia (ARCD, 2011).

Através de atendimentos especializados e uma equipe interdisciplinar, a entidade luta para incluir na sociedade os reabilitados de modo com que possam viver dignamente, e trabalham também com as famílias, porque acreditam que através deste meio as crianças podem ter um acesso mais facilitado a serviços e bens mostrando a todos que só aceitando e respeitando as diferenças é que podemos ter um bom convívio social (LIMA; TEIXEIRA, 2007).

2.6.2 ADEFIP

A Associação dos Deficientes Físicos de Poços de Caldas (ADEFIP), também é uma entidade social, sem fins lucrativos e que visa concretizar através da Habilitação e Reabilitação a Inclusão da pessoa com deficiência física seja criança, jovem ou adulto na sociedade, ajudando-a em seus direitos no exercício à cidadania. Possui parceria com a Secretaria Municipal de Educação e a Associação para Valorização de Pessoa com Deficiência (AVAPE).

No que diz respeito à Reabilitação, esta área envolve: Fisioterapia; Terapia Ocupacional; Fonoaudiologia; Pedagogia / Psicopedagogia; Psicologia; Fisioterapia com recursos musicais; Serviços Sociais; Educação Física; Médica Fisiatra; Grupo de Estimulação Precoce; Grupo de Estimulação Pedagógica e Familiar; Grupo de Vivências; Grupo de Mães. Além disso, existem o Centro de Inclusão Escolar e o Centro de Capacitação e Inclusão Profissional (ADEFIP, 2011).

Ambas as instituições visam promover nas pessoas com deficiência a autonomia e um reconhecimento perante a sociedade seja na escola, nas ruas, no campo profissional, enfim, no dia-a-dia das pessoas, de modo com que possam usufruir de seus direitos e deveres como qualquer outro cidadão.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Estudo

De acordo com Thomas, Nelson e Silverman (2007), atualmente emprega-se muito a pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo juntas, pois a primeira nos diz respeito aos dados estatísticos e a segunda, à interpretação do pesquisador. Segundo os autores, as duas pesquisas aplicadas em um mesmo trabalho podem contribuir e oferecer mais credibilidade ao trabalho.

Tendo em vista estes fatores, empregamos neste trabalho a Pesquisa Aplicada Quantitativa e Qualitativa.

3.2 Amostra

Participaram da pesquisa um total de 26 alunos e 26 pais e/ou responsáveis, sendo 12 da Instituição ADEFIP e 14 da Instituição ARCD ambas localizadas na cidade de Poços de Caldas – Minas Gerais. São residentes em Poços 18 alunos e 8 alunos nas cidades da região (Sul de Minas Gerais e Leste de São Paulo).

Destes 26 alunos, 2 estudam em escola particular e 24 em escola pública, são 11 alunos do gênero feminino e 15 masculino, com idades entre 6 e 16 anos.

Dos pais e/ou responsáveis, possuíam idades entre 26 e 65 anos, com escolaridade desde o Ensino Fundamental Incompleto até Superior Incompleto.

As deficiências físicas desses alunos eram de um modo geral: Paralisia Cerebral; Ducheme; Mielomeningocele; Ataxia Espinocerebelar; M. Paresia; Artogripose; Encéfalo Celograma Ocipital; Neuro fibramotora tipo 1.

3.2.1 Critérios de Inclusão

Para que pudessem fazer parte da amostra, os participantes deveriam estar regularmente matriculados em uma das instituições ADEFIP ou ARCD localizadas na cidade de Poços de Caldas – MG, e em alguma escola de ensino regular frequentando o ensino básico.

3.2.2 Critérios de Exclusão

Indivíduos que não atendam aos critérios 3.2.1

3.3 Materiais e Métodos

3.3.1 Materiais

Para se obter indicativos que apontassem o olhar dos alunos com deficiência física e de seus familiares em relação às aulas de Educação Física Escolar, a pesquisa contou com dois questionários, sendo um para os alunos com deficiência contendo 10 perguntas fechadas e um relato sobre as aulas de Educação Física na escola (APÊNDICE A), e o outro para seus familiares contendo 6 perguntas fechadas e um comentário sobre o que acham da inclusão social das pessoas com deficiência a partir das aulas de Educação Física (APÊNDICE B).

3.3.2 Métodos

Para a obtenção das respostas, os diretores das instituições e os pais e/ou responsáveis precisavam assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: (ANEXO A) para os diretores, e (ANEXO B) para os pais e/ou responsáveis.

3.4 Procedimentos

A coleta de dados foi realizada entre Outubro de 2011 à Fevereiro de 2012, nas Instituições ADEFIP e ARCD, antes ou após os horários dos atendimentos, sendo que para cada entrevista foi utilizado um tempo aproximado de 5 minutos. Para a aplicação dos questionários não houve necessidade de realizar um estudo piloto, pois entrevistamos alunos com deficiência que tinham condições de se expressarem e se comunicarem.

Os dados coletados foram armazenados em um computador para que no final da coleta fossem analisados coletivamente.

3.5 Análise Estatística

Após ter sido realizado uma análise dos dados coletados, foram apresentados em forma de frequência absoluta (n) e relativa (%), sendo que foi utilizado o Microsoft Excel 2007 como ferramenta para confecção dos gráficos e seus percentuais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados constatados nesta pesquisa são referentes às respostas dos alunos com deficiência pertencentes às Instituições ADEFIP ou ARCD, e de seus familiares, tendo como foco principal a resposta pessoal de cada indivíduo, com o objetivo de verificar se há inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física nas escolas regulares; se na perspectiva dos alunos, estes se encontram motivados para a participação dessas aulas; como é a postura dos professores na visão dos próprios alunos; e se os pais destes alunos sabem como são ministradas as aulas da disciplina em questão e se acreditam ser ela importante para a inclusão social do aluno com deficiência.

Através dos questionários aplicados, podemos analisar os seguintes resultados:

TABELA 1 – Dados relacionados às perguntas avaliativas aplicadas nos 26 alunos atendidos nas Instituições ADEFIP ou ARCD da cidade de Poços de Caldas – MG.

Perguntas Avaliativas	Sim	Não	Às Vezes
1) Você participa das aulas de Educação Física?	21	1	4
2) Você gosta das aulas de Educação Física?	24	1	1
3) Você gosta do seu professor de Educação Física?	26	0	0
4) Você acha que seu professor se preocupa com você?	19	4	3
5) Você acha que seu professor de Educação Física te trata bem?	25	0	1
6) Você participa das aulas de Educação Física junto à seus colegas?	20	2	4
7) O seu professor de Educação Física te chama para você participar das aulas com seus colegas?	18	3	5
8) Seus colegas te chamam para participar com eles nas aulas de Educação Física?	18	4	4
9) Você espera as aulas de Educação Física?	21	3	2
10) Você acha que as aulas de Educação Física te tornam mais independentes?	13	7	6

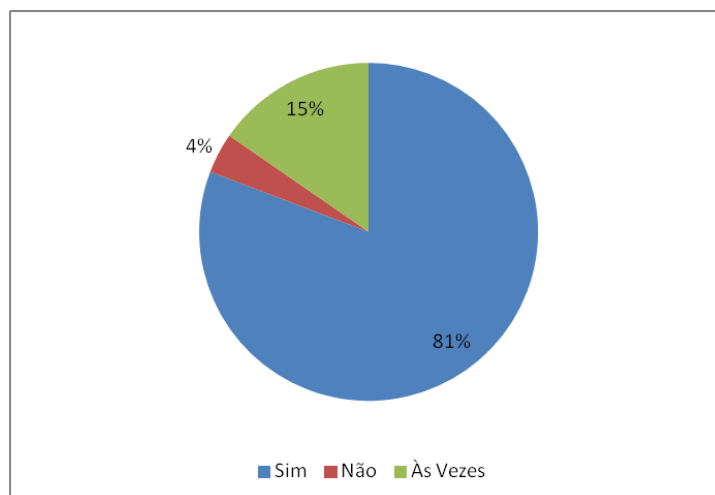


FIGURA 1 - Porcentagem das respostas dos alunos referente à questão:
1ª. Você participa das aulas de Educação Física?

Independentemente do tipo de deficiência física, grande parte dos alunos, 81% (n=21), dizem participar das aulas de Educação Física Escolar, 4% (n=1) não participam, e 15% (n=4) às vezes participam.

Em seus estudos relacionados à participação dos alunos com deficiência física nas aulas de Educação Física Escolar, as autoras Palma e Lehnhard (2012), observam que o aluno pode entender que participação e presença são parecidos, onde ele estando presente, mesmo sem estar interagindo na atividade, quer dizer que ele esteja participando da aula. Porém, uma participação efetiva, engloba uma interação entre professores e colegas.

Segundo Palla e Castro (2004), procurando investigar as atitudes de professores e estudantes de Educação Física quanto ao ensino inclusivo, fazem uma reflexão de que uma boa atitude do professor torna-se primordial para que o aluno com ou sem deficiência possa participar das aulas.

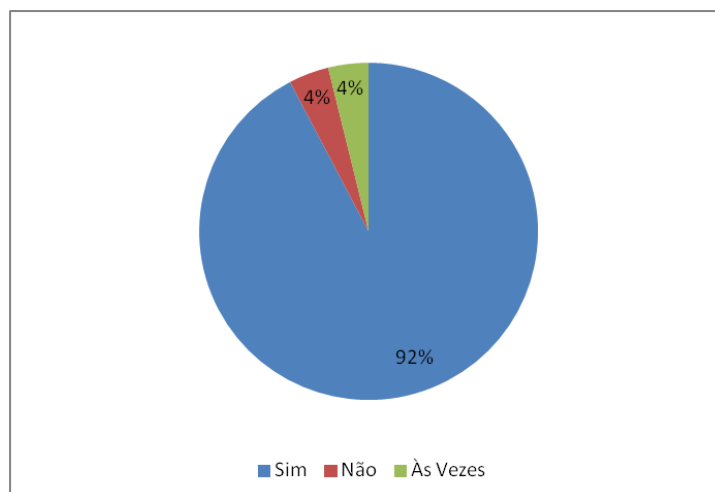


FIGURA 2 - Porcentagem das respostas dos alunos referente à questão:

2ª. Você gosta das aulas de Educação Física?

No que se diz respeito se os alunos gostam das aulas, 92% (n=24) dos alunos afirmam gostar das aulas, 4% (n=1) não gostam, e 4% (n=1) às vezes gostam. O que poderia justificar alguns alunos não gostarem das aulas, se encontra em um dos relatos *“Não gosto muito das aulas de Educação Física porque tenho muita dificuldade para andar, imagine para correr”*. No entanto, quase todos os alunos gostam das aulas.

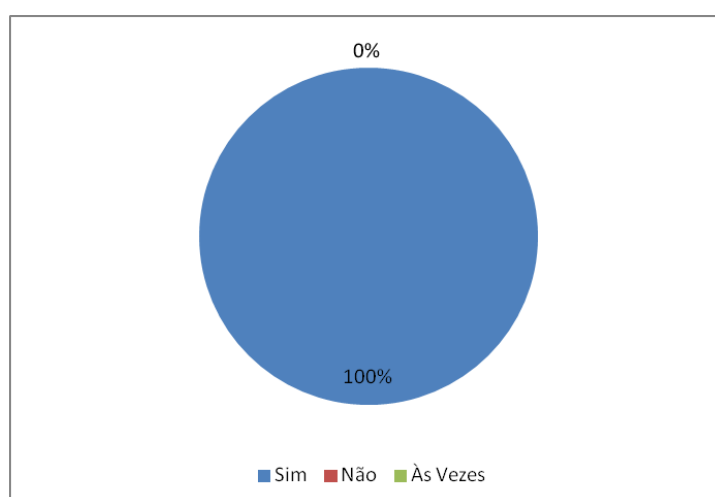


FIGURA 3 - Porcentagem das respostas dos alunos referente à questão:

3ª. Você gosta do seu professor de Educação Física?

Segundo Alves et al. (2004), com o objetivo de identificar como o professor se posiciona em lidar com a criança com deficiência, observou em sua pesquisa que

apesar dos desafios e medos, os professores demonstram habilidade no que se diz respeito aos alunos com deficiência, eles promovem a interação e a não discriminação.

Visualizamos o resultado destas atitudes também, através desta pesquisa onde 100% (n=26) dos alunos gostam do seu professor de Educação Física.

Podemos sugerir então, que a atitude do professor é crucial para que o aluno goste e se sinta bem com ele.

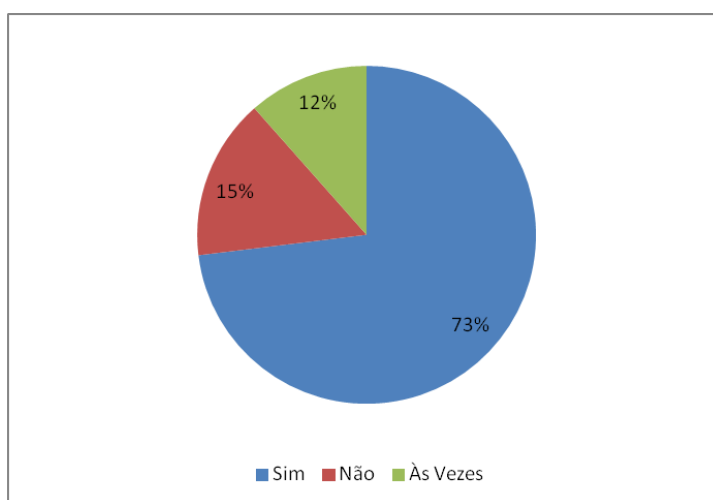


FIGURA 4 - Porcentagem das respostas dos alunos referente à questão:
4ª. Você acha que seu professor se preocupa com você?

Como se observa nos resultados referidos à questão em debate, 73% (n=19) dos alunos, acreditam que o professor se preocupa com eles, 15% (n=4) acreditam que ele não se preocupa e 12% (n=3) afirmam que às vezes ele se preocupa. Em um dos relatos, um aluno menciona que o professor até fica ao seu lado auxiliando-o na realização dos movimentos corporais.

Em uma pesquisa realizada por Lópes e Valdez (2003) cujo objetivo foi elaborar para os professores de Educação Física do Ensino Fundamental que trabalham com alunos com deficiência auditiva, uma proposta de programa de capacitação complementar especial, a partir da análise de seus resultados através das entrevistas individuais, concluíram que, os professores se preocupam em uma necessidade de se capacitarem para atenderem melhor os alunos com deficiência, pois somente o curso de graduação, não oferece subsídios suficientes para que possam sentir-se suficientemente confiantes para desenvolverem um bom trabalho

inclusivo, porém não é só isso, uma vez que os materiais e espaços no ambiente escolar também influenciam muito e são precários.

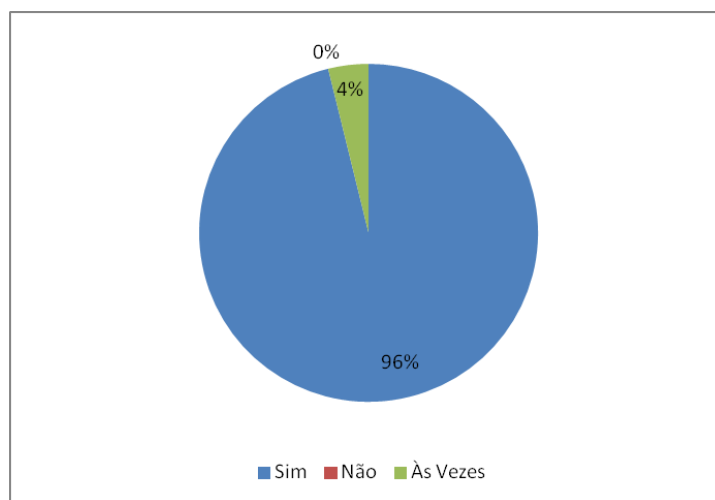


FIGURA 5 - Porcentagem das respostas dos alunos referente à questão:
5ª. Você acha que seu professor de Educação Física te trata bem?

De acordo com uma pesquisa realizada por Araujo (2010), no que se diz respeito à visão dos professores do ensino regular em relação à inclusão escolar, os professores expressam medo e insegurança quanto à inclusão de pessoas com deficiência nas escolas regulares pela falta de preparação teórico-metodológica, porém isso não quer dizer que tratam os alunos indiferentes dos demais. Podemos confirmar isso nos resultados desta questão, onde 96% (n=25) dos alunos nos relatam que os professores os tratam bem, nenhum aluno 0% (n=0) acha que não trata bem e apenas 4% (n=1) relata que às vezes o trata bem.

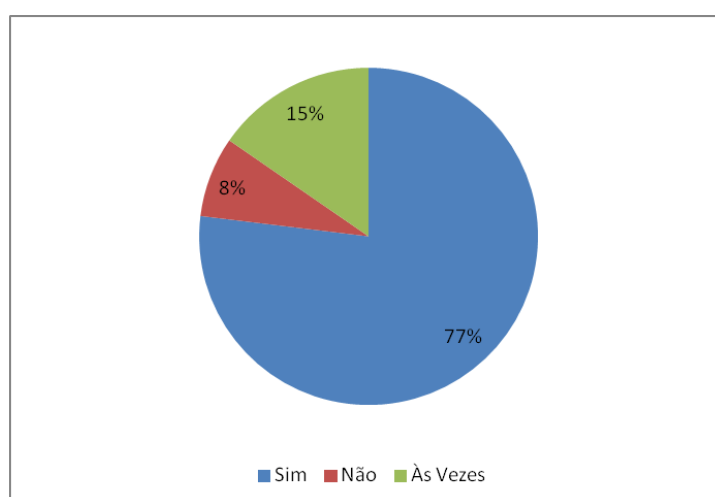


FIGURA 6 - Porcentagem das respostas dos alunos referente à questão:

6ª. Você participa das aulas de Educação Física junto aos seus colegas?

Para Oliveira (2002), procurando levantar algumas dificuldades dos discentes e docentes em relação à Educação Física Escolar Inclusiva, ele observou que as escolas e professores dispensam os alunos com deficiência das aulas de Educação Física, seja por insegurança, despreparo do ambiente escolar como um todo, ou para preservá-los de algo ruim que possa acontecer, como por exemplo, nos diz uma das alunas: *“Não participo das aulas porque quando eu jogo os colegas me falam que perdem o jogo por causa de mim”*. Apesar disso, os resultados nos mostram que 77% (n=20) dos alunos dizem participar das aulas com seus colegas, 8% não participam (n=2) e 15% (n=4) às vezes participam.

Um estudo recente, feito por Palmas e Lehnhard (2012), onde as autoras acompanharam diversas aulas de uma turma de vinte e cinco alunos e que possuía aluno com deficiência física, elas analisaram que apenas dois ou três alunos, procuravam o aluno com deficiência durante as atividades, porém em uma de suas entrevistas, o aluno menciona que seus colegas os ajudam nas aulas. Elas ainda ressaltam que apesar de ser um número pequeno, ele não era rejeitado pelos colegas.

Confirma-nos também Tessaro et al. (2005), que nos diz respeito à visão dos alunos sem necessidades educacionais especiais, que os alunos sem deficiência física, eram favoráveis no processo de inclusão, e se sentiam bem com isso.

Podemos observar a importância do aluno com deficiência de interagir com os demais colegas, e estes tornarem-se conscientes do quanto é importante essa relação para ambos e para que os alunos com deficiência não se sintam excluídos como citado anteriormente em um dos relatos.

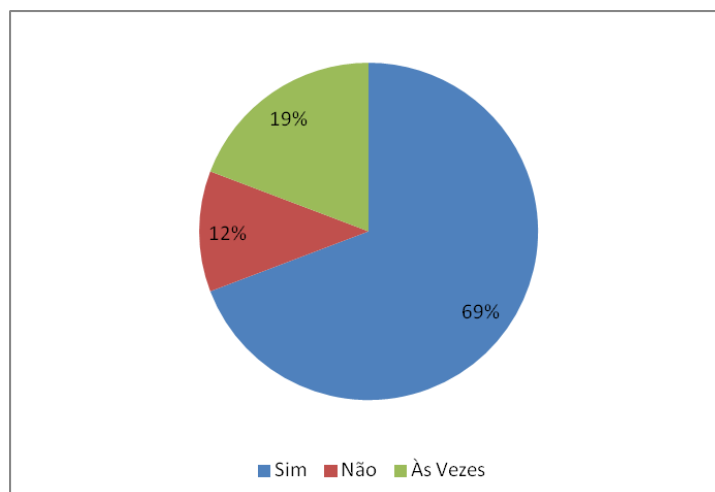


FIGURA 7 - Porcentagem das respostas dos alunos referente à questão:

7ª. O seu professor de Educação Física te chama para você participar das aulas com seus colegas?

A pesquisa aponta que 69% (n=18) dos alunos afirmam que os professores os chamam para participarem das aulas com seus colegas, 12% (n=3) não chamam e 19% (n=5) às vezes os chamam.

Podemos observar em uma pesquisa realizada por Cardoso, Palma e Zanella (2010), que nos diz respeito à motivação de pessoas com deficiência para realizar a prática do esporte adaptado, que os fatores que mais motivam para a prática esportiva são sociabilidade, prazer e saúde, proporcionando autoestima, autonomia, autoconfiança e é claro a integração social.

Com base nos resultados dos autores acima, apontamos que o professor de Educação Física tem um papel importantíssimo em promover a socialização e a adaptação das aulas para todos os alunos, independentemente das diferenças.

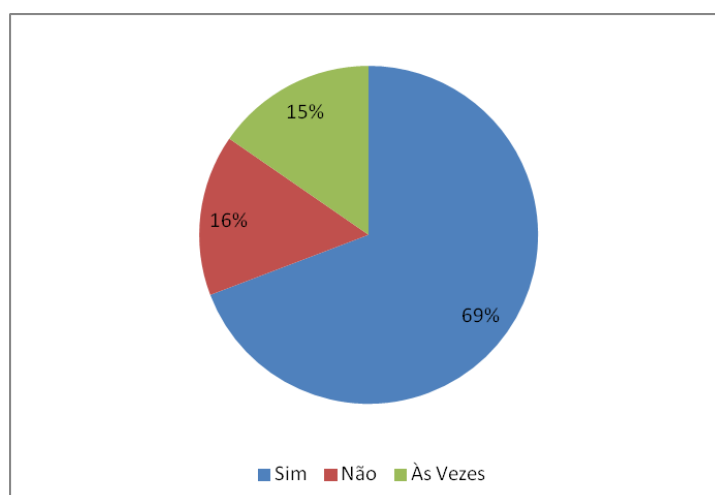


FIGURA 8 - Porcentagem das respostas dos alunos referente à questão:

8ª. Seus colegas te chamam para participar com eles nas aulas de Educação Física?

Os resultados apontam que 69% (n=18) dos entrevistados, afirmam que os colegas os chamam para participarem das aulas com eles, 16% (n=4) não chamam e 15% (n=4) às vezes os chamam.

Seguindo ainda a pesquisa de Tessaro et al. (2005), os colegas se preocupam com a inclusão escolar, porém eles veem algumas dificuldades encontradas como por exemplo, a falta de preparação do professor, e a discriminação social. Em contrapartida, Lopes (2010) enfatiza que, apesar dos colegas se comunicarem com o aluno com deficiência, esta comunicação não ocorre naturalmente, pois se encontra ainda uma resistência.

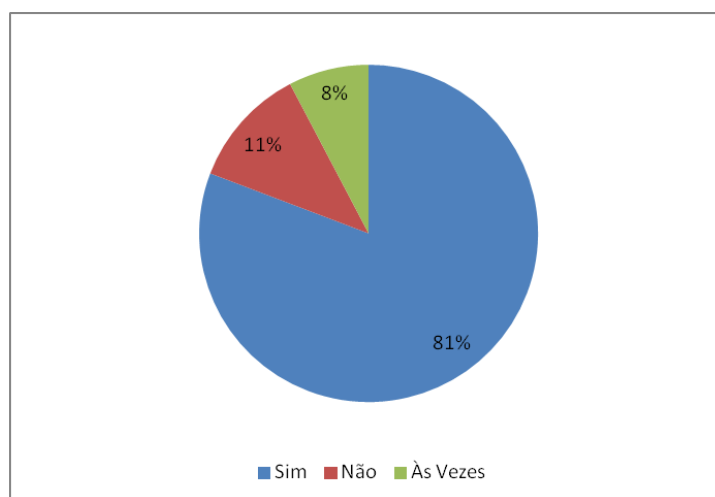


FIGURA 9 - Porcentagem das respostas dos alunos referente à questão:

9ª. Você espera as aulas de Educação Física?

Tendo em vista os resultados abordados anteriormente, onde grande parte dos alunos: gostam das aulas de Educação Física e do professor; acham que estes os tratam bem, se preocupa com eles; e se sentem participativos nas aulas, podemos confirmar a partir dos resultados desta questão que 81% (n=21), gostam de participar das aulas e por isso as esperam, apenas 11% (n=3) não gostam e 8% (n=2) às vezes esperam.

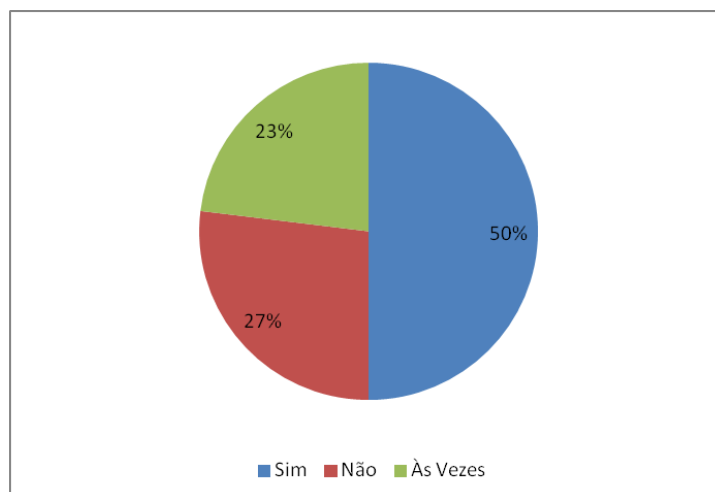


FIGURA 10 - Porcentagem das respostas dos alunos referente à questão:

10ª. Você acha que as aulas de Educação Física te tornam mais independente?

Os resultados do gráfico apontam que 50% (n=13) dos alunos acham que as aulas de Educação Física os tornam mais independentes, 27% (n=7) acreditam que não e 23% (n=6) às vezes os tornam.

Através dos relatos dos alunos, podemos analisar que os alunos com deficiência que conseguem se locomover com mais facilidade, participam das aulas como qualquer outro aluno, veja um dos comentários: *“gosto de jogar queimada, futebol, basquete...”*. Porém, os alunos com deficiência mais acentuada, ou seja, que possuem maiores dificuldade de locomoção, ou que não conseguem se locomoverem, mencionam em seus comentários que não participam ativamente das aulas, isso se deve talvez a algumas limitações que a deficiência traz as pessoas, tornando-se alguns movimentos complexos para sua execução ou ainda por falta de adaptação das atividades planejadas pelo professor.

Procurando, dentre outros fatores discorrerem sobre os benefícios que os exercícios físicos trazem as pessoas com deficiência, Vieira e Sousa (2011) em seus estudos, averiguaram que estes são maiores quanto à qualidade de vida, independente da deficiência, e que estes são os mesmos para uma pessoa dita “normal”, porém o que diferencia é que poderão ser desenvolvidos em um grau menor.

Além desse desenvolvimento psicomotor, através das aulas de Educação Física, pode-se haver uma inclusão ainda maior do aluno com deficiência por ser ela também uma disciplina social.

TABELA 2 – Dados relacionados às perguntas avaliativas aplicadas nos 26 pais e/ou responsáveis dos alunos atendidos nas Instituições ADEFIP ou ARCD da cidade de Poços de Caldas – MG.

Perguntas Avaliativas	Sim	Não	Às Vezes
1) Você sabe como são ministradas as aulas de Educação Física para seu filho na escola que ele frequenta?	9	14	3
2) Seu filho participa das aulas de Educação Física na escola?	24	1	1
3) Você acha que seu filho gosta das aulas de Educação Física?	24	1	1
4) O seu filho gosta do professor de Educação Física?	21	0	5
5) Você acha importante a Educação Física para o seu filho?	25	1	0
6) Você acha que a Educação Física pode ajudar na inclusão social de seu filho?	24	2	0

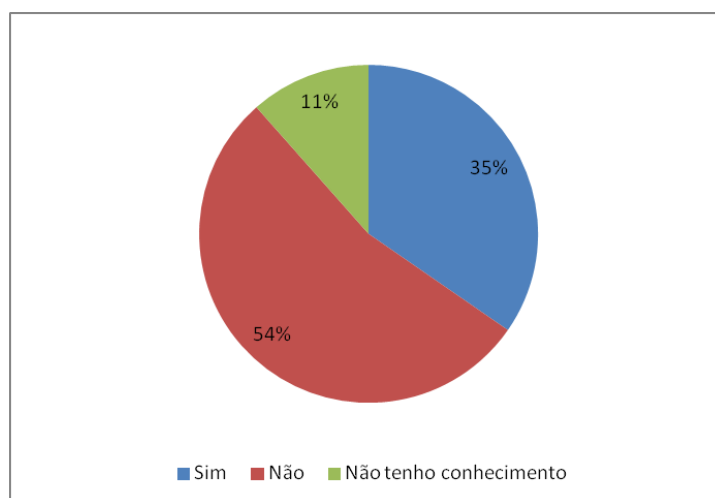


FIGURA 1 - Porcentagem das respostas dos pais e/ou responsáveis referente à questão:

1ª. Você sabe como são ministradas as aulas de Educação Física para o seu filho na escola que ele frequenta?

Pode-se perceber nos resultados que 54% (n=14) dos pais e/ou responsáveis, não sabem como são ministradas as aulas de Educação Física Escolar, 35% (n=9) sabem, e 11% (n=3) não tem conhecimento.

Acreditando-se na visão de Caiado (2012), deve-se haver uma parceria entre a escola e a família para que ambos possam caminhar juntos seguindo os

mesmos princípios e critérios, com um só objetivo: promover o desenvolvimento integral do aluno.

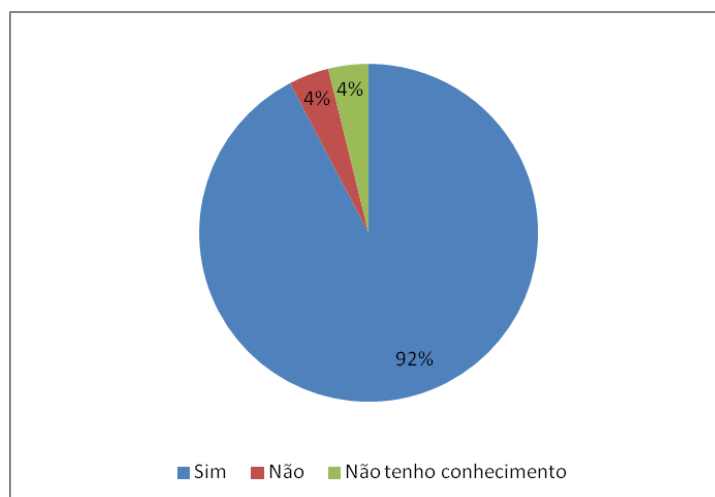


FIGURA 2 - Porcentagem das respostas dos pais e/ou responsáveis referente à questão:

2ª. Seu filho participa das aulas de Educação Física na escola?

A pesquisa aponta que 92% (n=24) dos pais afirmam que seus filhos participam das aulas de Educação Física na escola, 4% (n=1) dizem que os filhos não participam e também 4% (n=1) não tem conhecimento. Em relação à mesma pergunta feita aos alunos, obtivemos um resultado de 81% (n=21) onde eles dizem participar das aulas. Estes resultados não diferem muito uns dos outros, nos mostrando que, eles estão certos de que seus filhos participam.

Com o objetivo de investigar o processo e integração do aluno com deficiência na escola a partir da visão dos pais, Canotilho (2002) identificou que para que exista essa integração real, há necessidade de uma adequação do ambiente físico escolar e um maior número de adaptações funcionais.

Na Educação Física isso não é diferente, pois para se desenvolver bem a disciplina, é preciso além de um bom professor, um bom espaço físico e também ser bem estruturado, ou seja, bem adaptado, o que notamos anteriormente que há escassez desses recursos nas escolas, porém ela pode proporcionar aos alunos com deficiência um desenvolvimento sócio-psico-motor e auxiliando no processo de inclusão.

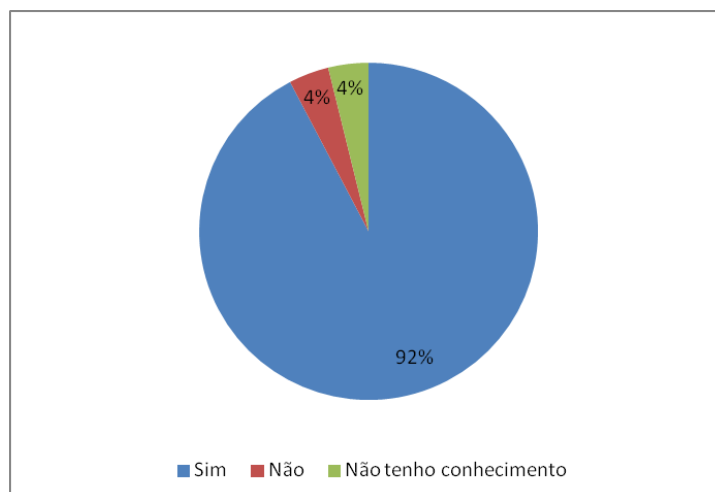


FIGURA 3 - Porcentagem das respostas dos pais e/ou responsáveis referente à questão:

3ª. Você acha que seu filho gosta das aulas de Educação Física?

Observa-se através dos resultados contidos no gráfico relacionado à pergunta acima, que 92% (n=24) dos pais acham que seus filhos gostam das aulas, 4% (n=1) acham que seus filhos não gostam das aulas e também 4% (n=1) não tem conhecimento a respeito da questão. Há indícios através das entrevistas com os pais, de que os alunos se expressam satisfatoriamente quando se diz respeito à disciplina em questão.

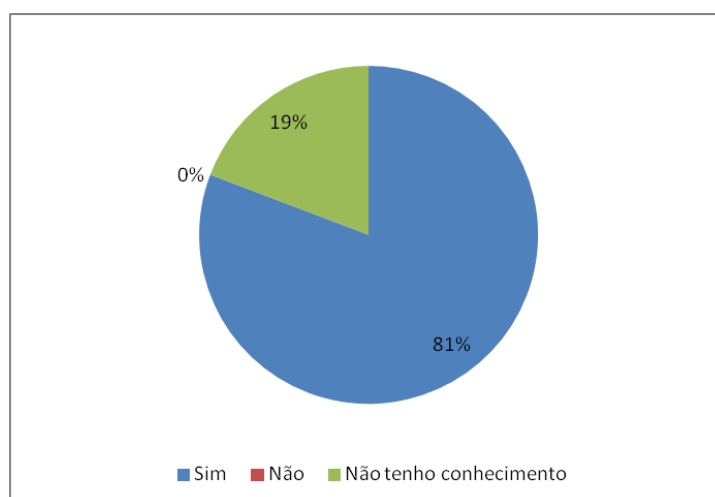


FIGURA 4 - Porcentagem das respostas dos pais e/ou responsáveis referente à questão:

4ª. O seu filho gosta do professor de Educação Física?

Pode-se perceber através dos resultados da referida questão, que 81% (n=21) dos pais acreditam que seus filhos gostam do professor, nenhum pai e/ou responsável 0% (n=0) acredita que seu filho não gosta, e 19% (n=5) não tem

conhecimento em relação à questão. Além disso, um dos pais cita que *“Todos os professores ajudam o aluno na inclusão, porém há incentivo principalmente dos professores de Educação Física”*. Tendo em vista que é uma disciplina onde o professor se encontra constantemente mais próximo dos alunos e fora da sala de aula, podemos incluir indícios de que através deste convívio professor-aluno, o aluno com deficiência possa se sentir “mais confiante” com ele, transmitindo esses sentimentos à família.

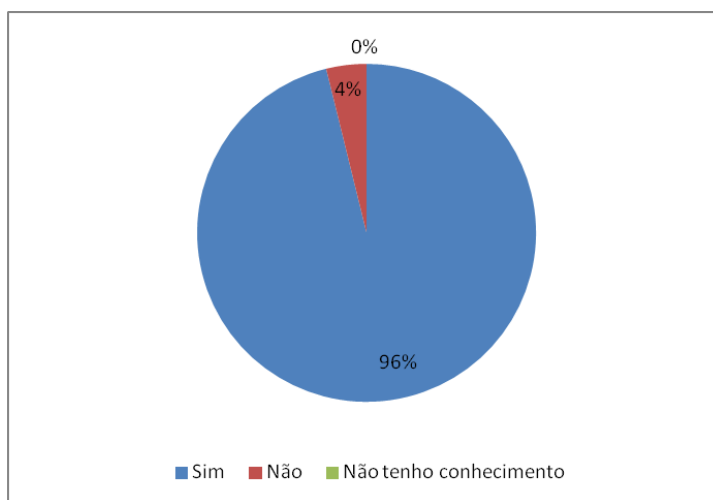


FIGURA 5 - Porcentagem das respostas dos pais e/ou responsáveis referente à questão:

5ª. Você acha importante a Educação Física para seu filho?

Apesar de não saberem como são ministradas as aulas de Educação Física Escolar, 96% (n=25) dos pais e/ou responsáveis acham importante a aula para seus filhos e apenas 4% (n=1) não acha importante. Segundo relato de uma das mães *“a Educação Física Escolar é capaz de ajudá-los a superar limites, a respeitar e compreender”*.

Palma e Lehnhard (2012) enfatizam que a escola deve ter um olhar especial para a disciplina, uma vez que ela proporciona um maior contato físico entre os alunos, onde eles alcançam o aprendizado através das trocas que ocorrem e também auxilia no desenvolvimento das capacidades, ajudando no processo inclusivo.

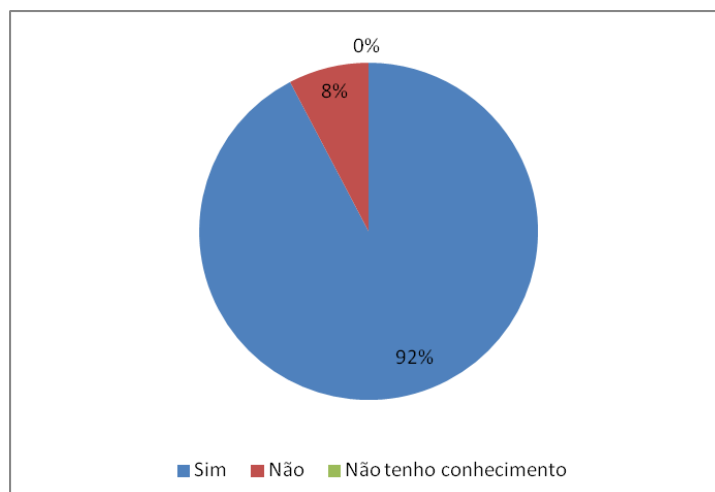


FIGURA 6 - Porcentagem das respostas dos pais e/ou responsáveis referente à questão:

6ª. Você acha que a Educação Física pode ajudar na inclusão social de seu filho?

Por quê?

Os resultados da última questão apontam que, 92% (n=24) acham que a partir das aulas de Educação Física, seus filhos estarão mais incluídos na sociedade, 8% (n=2) acham que não interfere, e nenhum pai 0% (n=0) não tem conhecimento da área, o que nos mostra também que independentemente da opinião, eles tem algo a dizer sobre a inclusão da pessoa com deficiência na sociedade.

Podemos notar através da análise dos relatos, que para esses 8% (n=2) dos pais que acham que a Educação Física não ajuda na inclusão social de seu filho, acreditam nisso porque seus filhos devido à dificuldade de locomoção, não participam da aula e conseqüentemente a inclusão não ocorre, com isso, um desses pais, também não acha importante a aula para o filho. Já o outro pai, acha importante a aula, porém como cita que não tem nada adaptado a ela, ela fica apenas junto aos demais colegas, não participando ativamente.

E por fim, para os demais pais 92% (n=24) que acreditam que a Educação Física ajuda no processo de inclusão social do aluno com deficiência física, mencionam nos relatos que através das aulas, os alunos podem obter: *um melhor convívio social; integração; interagir com amigos e ampliar seu círculo de amizades; trabalhar em grupo; superar os próprios limites; desenvolvimento motor e mental; brincar mais e uns ajudando aos outros.*

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que dentro da amostra, há inclusão dos alunos com deficiência física nas aulas de Educação Física Escolar; que há indícios destes se encontrarem motivados para participarem das aulas; que os professores, na visão dos alunos com deficiência os tratam bem e se preocupam com eles; e que a maioria dos pais ou familiares não sabem como são ministradas as aulas da disciplina na escola, mas para eles, a Educação Física é importante e pode ajudar na inclusão social de seu filho. Nota-se também que quando existe uma maior dificuldade de locomoção, a participação nas aulas de Educação Física é menor.

Estes resultados nos mostram que apesar de haver uma inclusão do aluno com deficiência física no ensino regular, outros estudos devem ser analisados para averiguar se realmente há uma inclusão efetiva, pois identificamos através dos relatos dos alunos, que eles podem entender que frequentar ou participar da aula, seria a mesma coisa. Entretanto, para que haja uma inclusão efetiva, são vários fatores que podem interferir, como: ambiente físico escolar, participação ativa nas atividades, interação com colegas e professores. Também podemos notar que falta uma participação dos pais e familiares nas escolas regulares de ensino.

Além disso, seria conveniente além do questionário, as entrevistas semidirigidas.

REFERÊNCIAS

ADEFIP. **Plano de Trabalho**, 2011.

ALVES, Lorena Mabel Bueno; et al. **Percepções e emoções do professor em relação à inclusão de crianças com necessidades especiais**. Rev. Multidisciplinar. Faculdades Integradas Pitágoras. n.2 p.52-59 out. 2004. Disponível em: <<http://www.fip-moc.edu.br/revista/index.php/medrev/article/view/31>>. Acesso em: 5 mai. 2012.

ANJOS, Hildete Pereira; ANDRADE, Emmanuele Pereira; PEREIRA, Mirian Rosa. **A inclusão escolar do ponto de vista dos professores: o processo de constituição de um discurso**. Rev. Brasileira Educação, v.14 n.40 jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a10.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

ARAÚJO, Cristina Cardoso. **Os Sentidos da Inclusão Escolar: A Visão das Professoras do Ensino Regular**, 2010. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_36.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2011.

ARCD, 2011. **ARCD Poços de Caldas**: unidade filiada AACD. Centro de Reabilitação de Poços de Caldas – Embaixador Walther Moreira Salles, 2011. Disponível em: <<http://arcdpocos.org.br/arcd.asp>>. Acesso em: 27 jan. 2012.

ARTIOLI, Ana Lúcia. **A educação do aluno com deficiência na classe comum: a visão do professor**. Rev. Psicologia da Educação, n.23, São Paulo, dez. 2006 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752006000200006>. Acesso em: 12 nov. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica** / Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001.

CABRAL, Gabriela. **Motivação**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/psicologia/motivacao-psicologica.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2011.

CAIADO, Helen Campos. **A importância da parceria família e escola**. Canal do Educador – Brasil Escola, 2012. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/sugestoes-pais-professores/a-importancia-parceria-familia-escola.htm>>. Acesso em: 05 abr. 2012.

CANOTILHO, Marta Martins. **A integração de crianças portadoras de deficiência física no ensino regular segundo a perspectiva de seus pais**. Rev. Brasileira de Educação Especial, v.8, n.1, 2002. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbee/v08n01/v08n01a04.pdf>>. Acesso em: 5 mai. 2012.

CARDOSO, Vinícius Denardin; PALMA, Luciana Erina; ZANELLA, Ângela Kemel. **A motivação de pessoas com deficiência para o esporte adaptado**. Rev. Digital

Buenos Aires, n.146, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd146/a-motivacao-para-esporte-adaptado.htm>>. Acesso em: 5 mai. 2012.

CIDADE, Ruth Eugênia; FREITAS, Patrícia Silvestre. **Educação Física e Inclusão: Considerações para a prática pedagógica na escola**, 1997. Disponível em: <<http://mail.toledo.pr.gov.br/sites/default/files/inclusao.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2012.

COLETIVO DE AUTORES: **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. **Convenção Interamericana para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência**. Art. I – Inciso I, 1998. Disponível em: <<http://www.cidh.org/Basicos/Portugues/o.Convencao.Personas.Portadoras.de.Deficiencia.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2012.

CRUZ, Gilmar de Carvalho; VECHIATTO, Sueli Casteluzzi; ASPILICUETA, Patrícia. **Educação Física e Pessoas com Paralisia Cerebral: Proposta de Intervenção**. Rev. Sobama. Dez. 2004, v.9, n.1, p. 7-14. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/vol9no12004.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2012.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1996. Estrutura de Ação em Educação Especial. 3. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2012.

DEFICIÊNCIA ONLINE. **Deficiência Múltipla**, 2011. Disponível em: <http://www.deficienteonline.com.br/deficiencia-multipla-tipos-e-definicoes___16.html>. Acesso em: 30 jan. 2012.

DUARTE, Édison; LIMA, Sonia Maria Toyoshima. **Atividade física para pessoas com necessidades especiais: experiência e intervenções pedagógicas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2003.

FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga. **Direitos das Pessoas com Deficiência: Garantia de Igualdade na Diversidade**. Rio de Janeiro: WVA, 2004.

GARCEZ, Edna de Marais; SAITO, Elizabete Tsubomi. Reabilitação Desportiva. In: FERNANDES, Antônio Carlos; RAMOS, Alice Conceição Rosa; CASALIS, Maria Eugênia Pebe; HEBE, Sizinio Kanaan. **AACD. Medicina e Reabilitação**. Princípios e Prática. São Paulo – SP: Artes Médicas, 2007. Cap. 46.

GODOI, Ana Maria de; et al. Inclusões: Escolar. In: FERNANDES, Antônio Carlos; RAMOS, Alice Conceição Rosa; CASALIS, Maria Eugênia Pebe; HEBE, Sizinio Kanaan. **AACD. Medicina e Reabilitação**. Princípios e Prática. São Paulo – SP: Artes Médicas, 2007. Cap. 47.

GREGOUL, Márcia. **Frente Parlamentar da Atividade Física**. Pela saúde e qualidade de vida de todos os brasileiros. Rev. EF. Órgão Oficial do CONFEF, Ano IX, nº40, jun. 2011.

HERNANDEZ, José Augusto Evangelho; VOSER, Rogério da Cunha; LYKAWKA, Maria da Graça Albo. **Motivação no esporte de elite**: Comparação de categorias do futsal e futebol. Rev. Digital, Buenos Aires, n.77, p.1-7, out. 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd77/motiv.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

HIROTA, Vinicius Barroso; TRAGUETA, Verônica. **Verificação do clima motivacional em atletas femininas do futsal**: um estudo com o questionário de orientação para tarefa ou ego (TEOSQ). Rev. Mackenzie de Educação Física e Esporte n.6, v.3, p.207-213, 2007. Disponível em: <<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/remef/article/viewFile/1252/956>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

LEI DE DIRETRIZES E BASES - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Capítulo V - **Da Educação Especial**. Art. 58. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96>>. Acesso em: 26 jan. 2012.

LENZ, Joice Crazieli; MAYER, Sandra Mara; BURGOS, Miria Suzana. **A Inclusão dos Portadores de Necessidades Especiais nas Aulas de Educação Física**: Uma Análise em Escolas do Município de Vera Cruz – RS, 2010. Disponível em: <http://www.hani.com.br/img/uploads/artigos/06092011_00395396.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2012.

LIMA, Teresa Pitangueiras; TEIXEIRA, Vanessa Martins. Inclusões: Social. In: FERNANDES, Antônio Carlos; RAMOS, Alice Conceição Rosa; CASALIS, Maria Eugênia Pebe; HEBE, Sizinio Kanaan. **AACD. Medicina e Reabilitação**. Princípios e Prática. São Paulo – SP: Artes Médicas, 2007. Cap. 47.

LOPES, Aluísio Wagner de Araújo; VALDÉS, Maria Teresa Moreno. **Formação de professores de educação física que atuam com alunos com necessidades educacionais especiais (Deficiência Auditiva)**: Uma Experiência no Ensino Fundamental da Rede Pública de Fortaleza. Rev. Brasileira de Educação Especial, Marília, jul./dez. 2003, v.9, n.2, p.195-210. Disponível em: <http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista9numero2pdf/6lopes_valdes.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2012.

LOPES, Elaine Regina. **Professores de educação física diante da inclusão de alunos com deficiência visual**. Rev. Pensar a Prática, Goiânia, v.13, n.3, p.1-18, set./dez. 2010. Disponível em: <www.revistas.ufg.br/index.php/feff/article/download/9469/8394>. Acesso em: 4 mai. 2012.

MELO, Thais Aguiar Ferreira de; FREITAS, Alessandro de. **Educação Física Adaptada, uma prática de possibilidades no contexto escolar**. Rev. Digital - Buenos Aires - ano 14, n.136, set. 2009. Disponível em:

<<http://www.efdeportes.com/efd136/educacao-fisica-adaptada-no-contexto-escolar.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2012.

MENDONÇA, Marta; PARDINI, Adriana C. Guimarães. Inclusões: Profissional. In: FERNANDES, Antônio Carlos; RAMOS, Alice Conceição Rosa; CASALIS, Maria Eugênia Pebe; HEBE, Sizinio Kanaan. **AACD. Medicina e Reabilitação**. Princípios e Prática. São Paulo – SP: Artes Médicas, 2007. Cap. 47, p. 934.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Plano Decenal de Educação para Todos**, 1993. Dicionário Interativo da Educação Brasileira – Educa Brasil. São Paulo: Midiamix, 2002. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=91>>. Acesso em 24 jan. 2012.

NEVES, Fabiana. **O que é motivação?** Psicóloga Online, 2009. Disponível em: <<http://www.psicologaonline.com.br/psicologia/organizacional/o-que-e-motivacao/>>. Acesso em: 05 fev. 2012.

OLIVEIRA, Flávia Fernandes de. **Dialogando sobre educação, educação física e inclusão escolar**. Rev. Digital – Buenos Aires, ano 8, n.51, ago. 2002. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd51/educa.htm>>. Acesso em 04 mai. 2012.

OMOTE, Sadão. **Perspectivas para conceituação de deficiências**. Rev. Brasileira de Educação Especial, 1996. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbee/v02n04/v02n04a12.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2011.

PAIM, Maria Cristina Chimelo. **Fatores motivacionais e desempenho no futebol**. Rev. Educação Física / UEM, Maringá, v.12, n.2, p.73-79, 2º Sem. 2001 Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3748/2580>>. Acesso em: 18 dez. 2011.

PALMA, Luciana Erina; LEHNHARD, Greice Rosso. **Aulas de educação física e inclusão: um estudo de caso com a deficiência física**. Rev. Educação Especial, Santa Maria, v.25, n.42, p.115-126, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 4 mai. 2012.

PALLA, Ana Cláudia; CASTRO, Eliane Mauerberg de. **Atitudes de Professores e Estudantes de Educação Física em Relação ao Ensino de Alunos com Deficiência em Ambientes Inclusivos**. Rev. Sobama, v.9, n.1, p.25-34, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/vol9no12004.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2012.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos: Constituição da República Federativa do Brasil de 1998 – Cap. III – da Educação, da Cultura e do Desporto. Seção I - da Educação. Art. 208. Inciso III**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em 26 jan. 2012.

RECHINELI, Andréa – **O Fenômeno da Inclusão na Educação Física Escolar: O Discurso dos Professores de Itapetinga**, 2008. Disponível em: <<https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/JKSTLEFBEPYY.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

RECHINELI, Andréa; PORTO, Eline Tereza Rozante; MOREIRA, Wagner Wey **Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da educação física**. Rev. Brasileira de Educação Especial. vol.14 n.2 Marília Mai/Ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382008000200010>. Acesso em: 6 nov. 2011.

SANT'ANA, Isabella Mendes. **Educação Inclusiva: Concepções de Professores e Diretores**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 2, p. 227-234, mai./ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v10n2/v10n2a09.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

SANTOS, Bárbara Cristina Barbosa; QUEIROZ, José Solon C.; FILHO, Ueliton da Silva Pereira. **Motivação no Processo de Aprendizagem**. O Portal dos Psicólogos, 2008. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0092.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2012.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. 8. ed. Rio de Janeiro: Wva, 2010.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL - **Saberes e Práticas da Inclusão - Ensino Fundamental: Desenvolvendo competência para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência física / neuromotora**, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/alunosdeficienciafisica.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2012

SILVEIRA, Flávia Furtado; NEVES, Marisa Maria Brito da Justa. **Inclusão Escolar de Crianças com Deficiência Múltipla: Concepções de Pais e Professores - Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n.1, p.79-88, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n1/29847.pdf>>. Acesso em 27 jan. 2012.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade**. Rev. Paulista de Educação Física, São Paulo, supl.2, p.6-12, 1996.

TANI, Go. **Perspectivas para educação física escolar**. Rev. Paulista de Educação Física, São Paulo, v.5 p.65-69, jan./dez. 1991.

TESSARO, Nilza Sanches; et al. **Inclusão Escolar: Visão de alunos sem necessidades educativas especiais**. Psicologia Escolar e Educacional, v.9, n.1, p.105-115, 2005.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMAN, Stephen J. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. Tradução Denise Regina de Sales, Márcia dos Santos Dornelles, 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TRINDADE, Yone Asano; FERRADA, Romy Britt H. Papel da Pedagogia no Centro de Reabilitação. In: FERNANDES, Antônio Carlos; RAMOS, Alice Conceição Rosa; CASALIS, Maria Eugênia Pebe; HEBE, Sizinio Kanaan. **AACD. Medicina e Reabilitação**. Princípios e Prática. São Paulo – SP: Artes Médicas, 2007. Cap. 41.

VIEIRA, Luiz Carlos Rabelo; SOUSA, Diego Sarmiento de. **Inclusão na Educação Física Escolar**. Revisão de conceitos, caracterização de deficiências, benefícios do exercício físico e esportes adaptados. Rev. Digital, Buenos Aires, ano 16, n.155, abr./2011. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd155/beneficios-do-exercicio-fisico-e-esportes-adaptados.htm>>. Acesso em: 7 mai. 2012.

VINHA, Telma Pileggi. A motivação do aluno. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Org.), **Resenha: Ensino de Psicologia & Psicologia Educacional**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.10, n.esp., p.347-359, out. 2009. Disponível em: <http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/48646_5647.PDF>. Acesso em: 05 fev. 2012

APÊNDICE A
(QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO)



QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO

Nome: _____ Idade: _____ anos
Sexo: () Masculino () Feminino Data de Nascimento: ____ / ____ / ____
Nome da Escola que estuda: _____
Série: _____ Município: _____
Nome da Instituição onde é atendido: _____
Tipo de Deficiência: _____

PERGUNTAS

- 1) Você participa das aulas de Educação Física?
() Sim () Não () Às Vezes
- 2) Você gosta das aulas de Educação Física?
() Sim () Não () Às Vezes
- 3) Você gosta do seu professor de Educação Física?
() Sim () Não () Às Vezes
- 4) Você acha que seu professor se preocupa com você?
() Sim () Não () Às Vezes
- 5) Você acha que seu professor de Educação Física te trata bem?
() Sim () Não () Às Vezes
- 6) Você participa das aulas de Educação Física junto a seus colegas?
() Sim () Não () Às Vezes
- 7) O seu professor de Educação Física te chama para você participar das aulas com seus colegas?
() Sim () Não () Às Vezes
- 8) Seus colegas te chamam para participar com eles nas aulas de Educação Física?
() Sim () Não () Às Vezes
- 9) Você espera as aulas de Educação Física?
() Sim () Não () Às Vezes
- 10) Você acha que as aulas de Educação Física te tornam mais independente?
() Sim () Não () Às Vezes

Relatos sobre as aulas:

APÊNDICE B
(QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS)



QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS

Nome do Responsável: _____

Data de Nascimento: ____ / ____ / ____ Grau de Parentesco: _____

Escolaridade do Responsável: _____

Nome do Aluno: _____

Tipo de Deficiência do Aluno: _____

O aluno estuda em escola particular ou pública? _____

PERGUNTAS

- 1) Você sabe como são ministradas as aulas de Educação Física para o seu filho na escola que ele frequenta?
() Sim () Não () Não tenho conhecimento

- 2) Seu filho participa das aulas de Educação Física na escola?
() Sim () Não () Não tenho conhecimento

- 3) Você acha que seu filho gosta das aulas de Educação Física?
() Sim () Não () Não tenho conhecimento

- 4) O seu filho gosta do professor de Educação Física?
() Sim () Não () Não tenho conhecimento

- 5) Você acha importante a Educação Física para o seu filho?
() Sim () Não () Não tenho conhecimento

- 6) Você acha que a Educação Física pode ajudar na inclusão social de seu filho?
() Sim () Não () Não tenho conhecimento

Porquê?

ANEXO A
(TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A
DIREÇÃO DA INSTITUIÇÃO)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A DIREÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Prezado Diretor,

Temos o prazer de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada “O olhar dos alunos com deficiência física e de seus familiares sobre a educação física escolar”, sendo este um Projeto de Monografia de Graduação dos Ralf de Paula Siqueira e Karla Cristina Ramos, orientados pela Prof^a. Ieda Mayumi Sabino Kawashita do IFSULDEMINAS/CeCAES. O estudo tem como objetivo analisar se há inclusão dos alunos com deficiência física nas aulas de Educação Física nas escolas regulares.

Para o cumprimento do objetivo do estudo, necessitamos aplicar um questionário para os alunos e responsáveis, que por meio deste serão avaliados sobre o que pensam a respeito da Educação Física Escolar. Serão tomados todos os cuidados necessários, procurando não oferecer nenhum constrangimento para os alunos e/ ou responsáveis. Os responsáveis deverão entregar os termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para os alunos (Karla e/ou Ralf) responsáveis pelo questionário na instituição. Os questionários são simples, rápidos e não causam nenhum risco moral. Os questionários serão realizados na instituição, antes ou após o horário de atendimento.

Para garantir a confiabilidade de nosso trabalho, os procedimentos utilizados estarão de acordo com padrões científicos. O questionário somente será realizado com prévia autorização do responsável, mediante apresentação do TCLE preenchido e assinado. A coleta de dados não afetará o desenvolvimento das atividades na instituição. A criança obterá com a participação no estudo a vantagem de proporcionar aos graduandos um estudo para averiguar se há inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física Escolar.

Será mantido total sigilo das informações obtidas bem como o anonimato dos participantes. As informações serão utilizadas apenas para o desenvolvimento da pesquisa. A sua colaboração tornou-se imprescindível para o alcance dos objetivos propostos. Agradecemos antecipadamente a atenção e colocamo-nos à sua disposição para quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa pelo telefone (35) 88757007 / 91078662. Denúncias ou queixas podem ser feitas pelo telefone do IFSULDEMINAS (35) 3571-5050/5118.

De acordo com o esclarecido, aceito colaborar (participar) na realização da pesquisa, estando devidamente informado sobre a natureza do estudo, objetivos propostos, métodos empregados e benefícios previstos.

Poços de Caldas (MG), _____ de _____ de 20_____.

Nome do Diretor: _____

Assinatura: _____

ANEXO B
(TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA
ALUNO E FAMILIARES)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ALUNO E FAMILIARES

Identificação:

Nome do (a) aluno (a): _____

Endereço: _____ Bairro: _____

Cidade: _____ CEP.: _____ Telefone(s): _____

Eu, _____,

nome do pai/responsável do(a) aluno(a)

RG nº. _____ responsável pela criança acima entendo que o mesmo foi convidado a participar do estudo intitulado “O olhar dos alunos com deficiência física e de seus familiares sobre a educação física escolar”, sendo este um Projeto de Monografia de Graduação dos alunos Ralf de Paula Siqueira e Karla Cristina Ramos, orientados pela Prof^a. Ieda Mayumi Sabino Kawashita do IFSULDEMINAS/CeCAES. O estudo tem o objetivo de analisar se há inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física nas escolas regulares.

Para o cumprimento do objetivo do estudo, necessito aplicar um questionário para os alunos e responsáveis, que por meio deste serão avaliados sobre o que pensam a respeito da Educação Física Escolar. Serão tomados todos os cuidados necessários, procurando não oferecer nenhum constrangimento para os alunos e/ ou responsáveis. Os responsáveis deverão entregar os termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para os alunos (Karla e/ou Ralf) responsáveis pelo questionário na instituição. Os questionários são simples, rápidos e não causam nenhum risco moral. Os questionários serão realizados na instituição, antes ou após o horário de atendimento.

Para garantir a confiabilidade de nosso trabalho, os procedimentos utilizados estarão de acordo com padrões científicos. O questionário somente será realizado com prévia autorização do responsável, mediante apresentação do TCLE preenchido e assinado. A coleta de dados não afetará o desenvolvimento das atividades na instituição. A criança obterá com a participação no estudo a vantagem de proporcionar aos graduandos um estudo para averiguar se há inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física Escolar.

Será mantido total sigilo das informações obtidas bem como o anonimato dos participantes. As informações serão utilizadas apenas para o desenvolvimento da pesquisa. A sua colaboração tornou-se imprescindível para o alcance dos objetivos propostos. Agradecemos antecipadamente a atenção e colocamo-nos à sua disposição para quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa pelo telefone (35) 88757007 / 91078662. Denúncias ou queixas podem ser feitas pelo telefone do IFSULDEMINAS (35) 3571-5050/5118.

De acordo com o esclarecido, aceito colaborar (participar) na realização da pesquisa, estando devidamente informado sobre a natureza do estudo, objetivos propostos, métodos empregados e benefícios previstos.

De acordo,

Pai/responsável pelo (a) aluno (a)

Poços de Caldas (MG), _____ de _____ de 20____.